

# Editorial

---



As experiências culturais dos sentidos da natureza e do ambiente informam um sem número de práticas sociais na atualidade que tem se constituído como base de legitimação de propostas societárias e pedagógicas, com importantes conseqüências na formação de um campo relações de sociais em torno da questão ambiental. No momento em que escrevemos este editorial, está se realizando a Conferência das Nações Unidas para Mudanças Climáticas (COP15) Copenhage. Diariamente acompanhamos as negociações não apenas econômicas, mas, sobretudo políticas, que evidenciam as disputas de legitimação sobre o que se diz e quem pode falar em nome da sustentabilidade do planeta, hegemonizando os sentidos que darão a direção dos pactos sociais e ecológicos. O modo como se expressam os inúmeros interesses da política, da ciência, dos movimentos globais pela justiça ambiental, a disputa sobre os indicadores e a distribuição de responsabilidades sobre as mudanças climáticas é um exemplo privilegiado para se observar o campo ambiental em ação, sua repercussão social e sua ação pedagógica no que será consensuado como horizonte ético e moral aceitável no pacto ecológico planetário.

Na esfera educativa do campo ambiental, pode-se observar a disseminação de um amplo conjunto de práticas associadas ou não ao ensino formal e a instituição escolar, com crescente visibilidade e poder de convocação. Entre as práticas não escolares e/ou curriculares podemos mencionar aquelas que se exercem em áreas naturais, unidades de conservação, propriedades ecológicas, comunidades ecológicas, ecovilas entre outras. Estas práticas, centradas na pretensão de formar sujeitos ecologicamente orientados, possuem invariavelmente uma intencionalidade educativa que ora se assenta mais na idéia da exemplaridade (a vivência ecológica, a propriedade demonstrativa etc) ora se apresenta de forma sistematizada em oficinas e cursos ambientais.

As preocupações que estruturam este Dossiê Temático tem seu contexto mais amplo na trajetória de estudos de um grupo de pesquisa que reúne antropólogos e educadores, ligados aos Programas de Pós-Graduação em educação da PUCRS e em Antropologia Social da UFRGS. A pesquisa realizada neste grupo, “O cultivo de si nas paisagens da ecologia e do sagrado”, compartilha o desafio da antropologia fenomenológica de situar a experiência no centro da compreensão das práticas sociais e educativas ambientais e, a partir desta escolha, investiga as práticas de formação ecológica, auto-aperfeiçoamento, bem estar e cura como experiências formativas associadas à constituição de um sujeito (self) ecológico -- um sujeito virtuoso que encarnaria as qualidades da saúde ambiental, física e moral em sintonia com o ideário ecológico na contemporaneidade.

Os textos que compõem o Dossiê foram escritos por autores que compartilham em alguma medida esta busca de compreensão das relações cultura, ambiente e educação e os caminhos metodológicos de uma fenomenologia e uma hermenêutica centradas na compreensão da experiência. Dois dos autores que abrem o dossiê, Timothy Ingold, da Universidade de Aberdeen (UK) e Thomas Csordas, da Universidade de San Diego, Califórnia (EUA), estão entre as principais referências teóricas que tem sustentado os esforços do grupo de pesquisa. O artigo de Timothy Ingold, desde a antropologia ecológica, traz as bases de sua proposta de superação da dicotomia entre capacidades inatas e competências adquiridas na compreensão do modos pelos quais os humanos aprendem, conhecem e produzem conhecimento. Questionando a biologia evolutiva e o paradigma representacional cognitivista, Ingold apresenta os instigantes conceitos de habilidades e de educação da atenção pelos quais a aprendizagem e a inserção na cultura se dariam através da intersubjetividade e do engajamento ativo dos sujeitos na paisagem. Thomas Csordas tem se notabilizado por sua contribuição no propósito de colapsar as dicotomias individuo/sociedade/; mente-corpo; prática/estrutura, através

de seu conceito de *corporeidade*. O paradigma da corporeidade de Csordas remete a uma análise da experiência humana, pressupondo nesta a dimensão pré-objetiva ou pré-reflexiva no processo de atribuição de sentidos tais como postulam Merleau-Ponty e Gadamer respectivamente; os contextos vivos da prática social na forma de *habitus* (Bourdieu) e a consideração do corpo como elemento síntese, onde se articulam sujeito e objeto, conhecimento e autoconhecimento. O corpo é tomado por Csordas como o solo existencial da cultura. Seu artigo traz, à luz do conceito de corporeidade, uma experiência etnográfica da cura entre os índios Navajo onde podemos observar a interessante negociação de saberes entre Navajos e anglo-americanos, bem como o processo de formação e de corporeificação do tornar-se um curandeiro Navajo.

Luis Fernando Beneduzzi e Roberto Vecchio discutem a natureza como um operador biopolítico na formação do Brasil particularmente na construção da paisagem colônial. Neste ambiente a representação da natureza se torna o dispositivo de uma operação de poder soberano sobre o indígena e a natureza acionando imaginários tão dispares como o edênico/paradisiaco e o mundo selvagem/infernal. Os autores indicam como o Outro, no caso a natureza e o indígena, sofre na formação brasileira colonial a ação de uma exclusão inclusiva. Na condição de ameaça e recurso são um meio que deve ser controlado, vencido e subjugado para gerar crescimento e riqueza.

Nelson Rego traz as bases articuladoras do conceito de geração de ambiências que, seguindo a trilha de uma abordagem compreensiva recusa a noção de ambiente como um meio externo, valorizando a produtividade da experiência e do que ele nomeia como uma interpretação instauradora para indicar a relação recursiva entre aquele que percebe e se percebe num lugar que não é apenas um meio que o suporta, mas parte de sua própria condição de existir e habitar num mundo.

Finalmente o artigo que escrevemos com Érica Onzi Pastore foi baseado em sua etnografia no Rincão Gaia, sede rural da Fundação Gaia, ONG fundada pelo ecologista José Lutzenberger e localizada em Pantano Grande, a 120 km de Porto Alegre. Este trabalho transcorreu sob a nossa orientação no grupo de pesquisa já mencionado durante o último ano e meio. Em sintonia com as questões de pesquisa do projeto e os conceitos de corporeidade (Csordas) e Paisagem (Ingold) foram etnografadas várias atividades de educação e sensibilização ambiental onde discutimos as intersecções entre ecologia, saúde e religião tomando o Rincão como uma *paisagem* ecológica.

Além dos artigos que formam o Dossiê, este número da revista acolhe artigos sobre temas variados em educação como o de Marines Garlet, Gleny Guimarães e Maria Isabel B. Bellini. Neste trabalho as autoras problematizam a questão da inclusão e exclusão escolar no contexto do debate sobre as cotas para estudantes indígenas, retomando nesta prática educativa a questão dos modos de lidar com este Outro. Desta forma, suscitam o diálogo com as questões levantadas por Beneduzzi e Vecchio, no Dossiê. O artigo de Mariza Rotta e Sideney B. Onofre sobre Educação no campo aponta a necessidade de uma política educacional diferenciada que consiga perceber as necessidades e a cultura do mundo rural no Brasil, tornando a escola uma instituição acolhedora da diversidade social e realmente inclusiva.

ISABEL CRISTINA DE MOURA CARVALHO  
CARLOS ALBERTO STEIL